

# O USO DE DESENHOS EM GRUPO: TRAÇOS DO HUMANO COMPARTILHADO

Jacqueline SANTOANTONIO<sup>1</sup>  
Andrés Eduardo Aguirre ANTÚNEZ<sup>2</sup>

## Resumo

A partir de experiências terapêuticas em grupo de pacientes atendidos em Centro de Atenção Psicossocial relataremos um encontro em uma das modalidades de atendimento: o Ateliê de Pintura de Livre Expressão. Nessa atividade a criação espontânea de desenhos e diálogos a partir do criado e vivido é facilitada, relacionado-se ao conceito comunitário de *Sobórnost*. A experiência nos mostra que os pacientes buscam engajar-se no encontro com os terapeutas revelando aspectos fundamentais de seus sofrimentos e possibilidades de acompanhamento de sutis mudanças e aberturas ou mesmo de dificuldades que tendem a perseverar restringindo o contato com o mundo.

**Palavras-chave:** atendimento psicológico em grupo, desenhos, *Sobórnost*

## Introdução

A modalidade de atendimento em grupo que denominamos Ateliê de Pintura de Livre-Expressão foi idealizada por Ternoy (1987, 1997) a partir de uma compreensão fenômeno-estrutural. Em outro artigo apresentamos nossa experiência e como é o procedimento desta atividade (Santoantonio, J.; Antúnez, A. E. A., 2002). Nesse artigo realizaremos reflexões a partir de outra perspectiva: a experiência vivida relacionada ao conceito de *Sobórnost* (Safra, 2004).

Os desenhos são criações fundamentais e integrantes da evolução da estrutura da personalidade. Na maioria das pessoas eles são deixados de lado após a infância. Nesta etapa, as crianças comunicam muito de si nos desenhos, nas cenas, no brincar.

Quando propomos a pacientes adultos desenhar, não raras vezes encontramos respostas como: 'desenhar é coisa de criança', 'eu não sei

---

<sup>1</sup> Psicóloga. Doutora em Ciências pela UNIFESP. Departamento de Psiquiatria, Disciplina de Psicoterapia e Psicodinâmica, Centro de Atenção Psicossocial - CAPS II, Universidade Federal de São Paulo.

<sup>2</sup> Psicólogo. Doutor em Ciências pela UNIFESP. Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

desenhar’, ‘desenhar não leva a nada’, ‘o que eu poderia fazer?’. Ao serem estimulados a desenhar o que quiserem, os pacientes logo lançam seu gesto e mais que surpreendemos, eles se surpreendem! O que importa é transformar uma realidade, a partir de seu gesto.

Nos desenhos realizados pelos pacientes no Ateliê observamos que cada um se depara com uma faceta de sua própria liberdade, frente a qual tem que decidir em participar ou não do grupo, em desenhar ou não, optar pelo que lhe interessa expressar por meio de imagens, reconstruir uma realidade que lhe é oferecida – a da folha em branco – a partir de seu gesto e de sua ação.

No segundo momento – do diálogo – o paciente poderá mais uma vez optar em comentar algo a respeito da imagem que apresentou ao grupo, o que pensou, o que sentiu, o que o motivou ou qualquer outra comunicação. Liberdade e Expressão são dois conceitos fundamentais que acompanham cada participante e são respeitados como criação e contribuição à atividade. O que importa é poder fazer um uso desta liberdade, por mais danificada que esteja ou se apresente favorecendo a expressão por meio da imagem e da verbalização. O ato terapêutico está no acolhimento oferecido na atividade, desde o nascimento da imagem e da fala que a acompanha, bem como de seu criador com respeito e ética.

Tal diálogo coordenado pelos terapeutas pretende oferecer um reconhecimento do gesto humano em imagem, em comunicação verbal, em presença na relação. Observamos que os pacientes revelam a partir da imagem e da fala muito do seu sofrimento, de suas angústias, de seus interesses atuais e daqueles revividos naquele momento de encontro.

### **O conceito de *Sobórnost***

Vivemos em um mundo onde há uma excessiva nomeação do sofrimento humano. Em nosso trabalho em grupo buscamos não classificar os sofrimentos e encontramos no conceito da filosofia russa de *Sobórnost* (Safra, 2004) a tradução mais exata de nossa vivência e manejo clínico das situações que se apresentam. O uso de tal conceito na experiência clínica se aparenta a um modo de clinicar onde os fenômenos que aparecem na interlocução não são codificados ou classificados.

De acordo com Safra (2004) a concepção de *Sobórnost* é ontológica e procura esclarecer as condições fundamentais para o 'acontecer humano'. *Sobórnost* é uma palavra russa que não se refere à concepção de indivíduo isolado dos demais, ao contrário: *Sobórnost* assinala que cada ser humano é a singularização da vida de muitos, de seus ancestrais e é o pressentimento daqueles que virão.

Safra (2004) esclarece que usa a palavra Outro em maiúscula para se referir ao outro compreendido como *Sobórnost*. Ao mesmo tempo o Outro implica o contemporâneo, os ascendentes, os descendentes, a coisa, a natureza, o mistério. Diferente do 'outro' sem a presença do vértice transcendente.

Safra (2004, p.44) refere que "ao estarmos frente a alguém, estamos frente a singularização dos ancestrais e àquelas questões do destino humano, que naquele grupo humano, do ponto de vista transgeracional, se põem em devir em direção ao que ainda não é (...) O que nos demanda uma questão ética e epistemológica assentada no *paradoxo*. Somente o paradoxo contempla a condição humana como ser no mundo e sempre para além dele. Ao ouvirmos alguém formular as questões do seu destino, estamos ouvindo o sofrimento de um e de todos".

Mais adiante Safra (2004, p.45) expressa: "temos aqui uma relação ontológica, na qual a cultura possibilita o diálogo entre gerações sobre as questões do destino humano. *Este diálogo é realizado por meio da linguagem, dos artefatos culturais e das cerimônias transmitidas através das gerações*".

Como colocado anteriormente, no 'Ateliê de Pintura de Livre Expressão' há um momento em que a comunicação é privilegiada por meio da linguagem verbal. Nesse sentido, o conceito de *Sobórnost* também é abordado em relação à linguagem. Safra (2004, p.46) afirma que "a linguagem, compreendida por meio do conceito de *Sobórnost*, é fluxo histórico, presença do passado, do presente e do futuro, que permite que o *dizer* seja gesto humano, ação transgeracional geradora de possibilidades de existência. Linguagem que se apresenta ao homem como poesia, que o visita e que o gera: *linguagem revelação*".

Como perspectiva ética, o desenho assinala um lugar em que, ao se estar frente ao outro, frente aos desenhos e da fala, estamos diante da

revelação e do não-saber como condição ética. Quando posicionado no não-saber, a revelação da singularidade do Outro pode aparecer e encontrar moradia no *ethos* humano (Safra, 2004).

Para Safra (2004, p.50) “o conceito de *Sobórnost* aborda um evento que é pré-subjetivo e pré-reflexivo. Trata-se da condição mesma em que um soma pode vir a ser corpo e em que um si mesmo pode vir a ser subjetivo. Essa é a perspectiva decorrente de um vértice ontológico. Transferencialmente falando, na clínica em *Sobórnost*, o analista está presente frente a seu analisando não só como um outro subjetivo, mas como Outro: como os ancestrais, como os descendentes, como a humanidade, como representante da cultura, como aquele que sustenta a criatividade, como o incognoscível. O analista, assim posicionado é o devir do si mesmo do paciente e o Outro, simultaneamente”.

O conceito de *Sobórnost* é importante, pois nos remete ao comunitário, ao trabalho terapêutico com pessoas em grupo e ao mesmo tempo individualmente. A partir do conceito de *Sobórnost*, focalizamos a memória do originário a partir do desvelamento dos fundamentos da condição humana. Esse vértice de trabalho clínico nos leva a acessar o encontro humano para além da noção de indivíduo para enfocá-lo na experiência do conciliar.

A dimensão ontológica é abertura. “Ontologicamente, por sermos entes abertos ao ser e ao sentido, temos a possibilidade de alcançar o sentido, quanto de ser jogados no não-sentido” (Safra, 2006, p.29). De acordo com Safra (2006) o registro ontológico possibilita compreender as vicissitudes decorrentes do modo como o destino humano atinge o Outro e é uma das bases da empatia e da compreensão mútua, favorecendo um posicionamento em comunidade de destino com nossos pacientes. A partir do estado de devoção de Winnicott, Safra se refere à importância de compreender o amor não só como um sentimento, mas como lugar e posição. De modo que acolher o Outro significa sair de si, distinto de misturar-se com o outro, que é um fechamento da abertura ontológica.

Em relação às artes Safra (2006, p.43) comenta que “(...) um mundo é instaurado quando uma música é tocada (que é um tipo de símbolo apresentativo). O símbolo apresentativo *propicia uma experiência*. Dizer que uma música representa uma emoção ou afirmar que é fruto de um determinado acontecimento histórico ou biográfico é perder a essência da música. Isso é

verdade também para outras artes, como dança e pintura. São fenômenos que apresentam um mundo e possibilitam uma experiência”.

Nesse vértice, a intuição e a empatia não são consideradas como funções mentais, mas corporais: intuímos e empatizamos através de nossa sensibilidade (Safra, 2006). O autor refere que “(...) o analista intui o que se passa, não por telepatia, mas pelo fato de seu corpo estar sendo continuamente afetado pela forma de ser do paciente” (Safra, 2006, p.48).

### **Um encontro no Ateliê de Pintura de Livre Expressão**

Descreveremos a seguir um Ateliê realizado no CAPS II no qual participaram seis pacientes<sup>3</sup>; cinco profissionais em especialização que passam no serviço: uma residente em psiquiatria, duas terapeutas ocupacionais e dois psicólogos<sup>4</sup>; e duas profissionais da equipe fixa: uma psicóloga que coordena o grupo (terapeuta) e uma terapeuta ocupacional (co-terapeuta)<sup>5</sup>.

O primeiro momento do grupo é destinado a confecção dos desenhos. Na maioria do tempo desenhamos em silêncio. Alguns comentários vão aparecendo. Ilustraremos uma parte da conversa com CELSO, paciente que sempre participa da atividade com entusiasmo.

Enquanto desenhávamos CELSO comenta comigo (psicóloga que coordena o grupo) que hoje vai fazer algo muito colorido, que, na verdade, sempre desenha em preto e branco por ter muitas dificuldades com as cores. Digo que de fato muitas vezes é difícil lidar com as cores, mas o que seria do mundo sem elas? Meu comentário é motivado pela percepção de que CELSO tem demonstrado ao longo de seu acompanhamento uma grande dificuldade em lidar com seus afetos. Conta-me que sempre acorda antes que os parentes devido a não se sentir bem em conviver com eles, acha que não têm uma sintonia. Hoje um de seus parentes acordou cedo e ficou falando com ele o que o deixou muito deprimido. Comentamos sobre o fato de vivermos em um mesmo mundo e, ao mesmo tempo estarmos em ‘mundos’ dentro de nós tão diferentes de algumas pessoas, sobre afinidades, diferenças.

---

<sup>3</sup> Os nomes dos pacientes foram modificados no texto.

<sup>4</sup> Os profissionais em especialização terão seus nomes fictícios seguidos do símbolo  $\alpha$ .

<sup>5</sup> Agradecemos a participação da terapeuta ocupacional Fernanda Del Santoro Reis. Mestre em Ciências pela UNIFESP.

Aos poucos cada participante desenha e, ao finalizar, vai colocando em um quadro de cortiça, voltando ao seu lugar para esperar o momento da verbalização. Descreveremos em detalhes os desenhos dos pacientes e brevemente os desenhos dos profissionais para que o leitor possa compreender os comentários no momento da verbalização. Quando todos já colocaram seus desenhos, vemos o seguinte quadro geral.

CELSO desenha na folha na posição horizontal três objetos nomeando-os ao lado: Comprimido (verde-claro), Cápsula (roxo com vermelho) e Drágea (marrom).

MARIA desenha na folha em posição vertical um rosto em azul que está chorando ligado por uma seta a um relógio em verde com a seguinte seqüência de números no mostrador: 12, 1, 2, 3, 8, 7, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12. Uma seta menor liga o relógio a outro rosto em vermelho que está sorrindo.

BEATRIZ faz uma moldura com a régua na folha na posição horizontal e dentro desenha uma paisagem. No céu que coloriu levemente com uma mistura de amarelo, vermelho e laranja há um sol representado por um círculo amarelo sem raios. Nuvens brancas, um avião, gaivotas em preto e um OVNI pequeno em roxo. No meio da folha, três montanhas em dois tons de verde, mesma cor do chão, com uma pequena árvore marrom sem folhas que parece seca. Abaixo e a direita, dando a impressão de ser o primeiro plano, uma grande árvore marrom com folhas verdes que parecem estar brotando. Na árvore um pequeno beija-flor verde, detalhe por onde começa a descrever seu desenho no momento da verbalização. O chão em dois tons de marrom. Os traços são leves assim como as cores.

CRISTINA desenha com a folha na posição horizontal um jogo da velha. O jogo 'deu velha', ou seja, ninguém ganhou. É a primeira vez que se utiliza do giz de cera. As cores são fortes: riscos em laranja e símbolos em cor de vinho.

LUIZA com o papel na posição horizontal desenha várias folhas de diferentes formatos e tonalidades de verde com riscos em preto ao fundo que dão a impressão de estarem voando ao vento. É a segunda vez que participa do grupo e não aceita deixar seu desenho em uma pasta com seu nome. Diz que ainda não quer ter uma pasta com seu nome no armário para guardar seus desenhos como os outros participantes. Dobra-o e leva-o no final do grupo.

JOSÉ desenha uma praia com vários detalhes na posição horizontal da folha. No primeiro plano fez casas, prédios, um cachorro com um balãozinho escrito 'au-au'. Desenhou então a avenida beira-mar com um ciclista, um carro, uma pessoa correndo e duas placas: 'cuidado ciclovía' e 'prática esportiva futebol voleibol'. Na areia uma cabine onde se lê 'Posto 10 – salva vidas'. No mar uma ilha de cada lado da folha e dois surfistas. JOSÉ tem a peculiaridade de iniciar sua produção assinando com seu apelido e datando do lado direito da folha antes de começar o desenho.

SILVIA- $\alpha$  desenha uma cachoeira com árvores nos dois lados, céu azul com uma ave e um sol acima.

KAREN- $\alpha$  desenha um balão colorido em um céu com pássaros e um sol no meio de nuvens.

CARLOS- $\alpha$  faz cenas de desenhos de caverna com figuras humanas dançando em roda, caçada e um veado com uma mancha vermelha na barriga simbolizando que está prenho.

VANDA- $\alpha$  desenha um mar com dois barcos, céu azul e um grande sol.

ROSA- $\alpha$  faz uma rede amarrada entre dois coqueiros e abaixo um coco com um canudinho.

A terapeuta desenha um arco-íris entre duas nuvens.

A co-terapeuta desenha um grande sol nascendo com aves no céu e um gramado verde com flores.

A terapeuta então convida um a um a fazer comentários sobre o que fez e sobre os outros desenhos que lhe chamaram a atenção iniciando o segundo momento do grupo que chamamos de verbalização.

CELSO inicia dizendo que gosta muito dos desenhos de CRISTINA devido às cores fortes e definidas. Fala que o dele é seu dia-a-dia, seus medicamentos, o que ele 'manipula' no seu dia-a-dia. Comenta que gostou do desenho da terapeuta e que ela sempre faz desenhos bonitos e que também gostou da árvore do desenho de BEATRIZ. A terapeuta comenta que achou interessante o fato dele usar as cores no desenho e que percebia o quanto ele estava implicado em seu tratamento o que era essencial para sua melhora. Fala também que embora tenha dito anteriormente que tinha dificuldade frente às cores gostou exatamente do desenho de CRISTINA que sempre está muito

colorido o que demonstra sua capacidade em lidar com essa dificuldade. A terapeuta diz que é essencial sua observação sobre a árvore de BEATRIZ, pois percebe que ele está em um momento importante em que muitas coisas dentro dele estão 'brotando' e que fica satisfeita em poder estar acompanhando essa evolução. Ele concorda que melhorou muito, mas que ainda sente certa insegurança em fazer coisas fora do CAPS. A terapeuta fala que faz parte de seu desenvolvimento ir experimentando-se em novas atividades e que precisava esperar o momento em que se sentirá mais confortável, reiterando que todos estariam a seu lado nesses novos passos.

CRISTINA diz que fez o jogo da velha onde ninguém ganhou, deu velha. Fala que gostou dos coqueiros com a rede, do arco-íris e do balão. A terapeuta pergunta o que ela estava pensando quando fez o desenho e ela diz não ter associado a nada apenas quis fazer e fez. A terapeuta comenta que percebeu que ela havia utilizado pela primeira vez o giz de cera e que as cores estavam fortes e marcantes como havia comentado CELSO.

JOSÉ diz que começará falando do sol da co-terapeuta. Fala que 'está raiando um novo dia, dizendo bom dia'. Fala que gostou do balão: 'volta ao mundo em 180 dias'. Comenta que gostou da árvore no outono, as folhas caindo, da praia e da cachoeira. Conta que fez uma praia onde corria todas as manhãs. Diz que o arco-íris está 'bem expressivo'. Volta a falar de seu desenho descrevendo que as casas estão de frente para o mar, que tem o posto de salvavidas e comenta que tinha 23 anos nessa época, tinha muitos planos que não conseguiu fazer. 'Como hoje é dia 23 eu queria retratar esses sonhos. O sonho continua, mas muita coisa se perdeu'. A terapeuta comenta que achou interessante a associação da idade que ele tinha na época em que freqüentava essa praia e o dia em que estávamos e que os sonhos daquele tempo podem não ser os mesmos, mas que podia sonhar outras coisas hoje e que a lembrança daquele momento não se perdeu. Ele comenta que os sonhos muito 'idealizados' são difíceis de acontecer. A terapeuta diz que talvez agora que já se passou algum tempo e ele percebeu que talvez tenha que sonhar coisas mais possíveis de acontecer seja mais fácil que seus sonhos se transformem em planos, em projetos e que possam se concretizar. Ele agradece e concorda.

LUIZA comenta que fez um monte de folhas e que todos os desenhos estão bonitos. A terapeuta diz que gostou muito de seu desenho, as diferentes

formas das folhas, as diferentes tonalidades que utilizou, a impressão de que parecem estar em movimento. A postura cabisbaixa de LUIZA modifica-se nesse momento e levanta a cabeça sentando-se em posição ereta na cadeira. Sorri e diz não querer comentar mais nada.

MARIA comenta que fez dois rostos: o de cima chorando que representa o dia anterior que estava triste. O relógio representa o tempo, que tem que dar tempo ao tempo para melhorar. Conta que mesmo tendo ficado nervosa conseguiu tomar a medicação dentro do que havia sido especificado não precisando aumentar por conta própria por achar que não seria suficiente para enfrentar aquele momento. Diz que colocou o relógio mais perto do rosto feliz, pois acha que está mais próxima do momento em que será mais feliz do que triste sendo que o verde do relógio significa a esperança e a paciência. Comentou que 'para tudo há um tempo determinado. Parar de perseverar a gente não pode'. A terapeuta pergunta qual o motivo do relógio estar marcando três horas e aponta que a numeração parece não ter uma seqüência dando a impressão de que o relógio marca horas para frente e para trás. Ela se surpreende, pois não havia percebido esses detalhes. Associa então que a hora marcada é o horário em que vai a igreja lugar que se sente muito bem. A terapeuta comenta que percebeu que ela utilizou a palavra perseverar que pode estar associada a sua constante luta em melhorar, no entanto também pode significar que há uma luta em deixar as coisas no mesmo lugar motivo pelo qual o relógio parece ir para frente e para trás. MARIA concorda e diz que tem muita dificuldade frente as mudanças mesmo aquelas que parecem ser para melhorar. A terapeuta fala então que o medo do desconhecido é algo que pode ser compartilhado com todo ser humano, mas que no momento em que nos arriscamos e o enfrentamos podemos nos surpreender e nos sentirmos melhor. Reitera que o grupo está a seu lado para auxiliá-la nesse momento. CELSO diz que compreende o que ela está sentindo e que a apóia.

BEATRIZ começa a descrever os detalhes de seu desenho. 'É só um desenho. Um beija-flor, um avião, um OVNI, pássaros'. Comenta que gostou do desenho de CRISTINA, pois no final ninguém ganhou. Gostou do tufão de folhas de LUIZA. A cachoeira desenhada pela SILVIA- $\alpha$  lembrou-lhe a cidade de Foz do Iguaçu. O desenho do CARLOS- $\alpha$  parecia desenho das cavernas, dos

antigos. Da VANDA- $\alpha$  gostou já que parecia ter uma ‘textura’ no mar. Fala que acha que CELSO melhorou vendo seu desenho com cores. O balão lembrou-lhe de outro paciente do CAPS. O arco-íris com suas sete cores. O desenho da ROSA- $\alpha$  deu-lhe a impressão de que havia alguém dormindo dentro da rede.

SILVIA- $\alpha$  conta que desenhou um lugar que visitou no feriado. Diz que gostou das folhas ao vento de LUIZA, da paisagem de BEATRIZ, da idéia do desenho de JOSÉ.

KAREN- $\alpha$  diz que fez um balão com um menino feliz dentro, pois está vendo o mundo de um ângulo diferente. Achou interessante o da BEATRIZ e ficou impressionada com a definição das linhas do desenho de CRISTINA devido a ter utilizado o giz de cera. Gostou do significado do desenho de MARIA.

ROSA- $\alpha$  conta que quis retratar um momento tranquilo que é necessário no dia-a-dia. Comenta que achou os desenhos muito coloridos, paisagens, que o painel havia ficado muito bonito.

CARLOS- $\alpha$  comenta que desenhou um sítio arqueológico, um desenho rupestre, desenho dos povos antigos, dança circular e o animal com a mancha vermelha na barriga que havia lido que era um sinal de que o animal estava prenho. Comenta que gostou muito do desenho de MARIA e que as mudanças não aconteciam de uma hora para outra.

VANDA- $\alpha$  fala que desenhou o dia seguinte do feriado numa cidade praiana. Comenta que gostou do desenho do CARLOS- $\alpha$  e da paisagem de BEATRIZ.

A co-terapeuta conta que desenhou o sol nascendo, o início da manhã como nosso encontro. Diz que sua intenção era passar tranquilidade. Comenta que no desenho de BEATRIZ chamou a atenção o fato de terem muitas coisas acontecendo e que os outros desenhos estavam muito interessantes.

A terapeuta comenta que fez o arco-íris, inspirada no comentário inicial de CELSO sobre as cores, e que achava o arco-íris uma das coisas mais bonitas da natureza. Comentou que tinha percebido que o grupo havia trabalhado bastante naquela manhã e que os desenhos haviam ficado muito bonitos e significativos. Agradeceu então a participação de todos no Ateliê, encerrando a sessão.

### **Discussão**

O Ateliê faz parte de muitas outras atividades grupais desenvolvidas no CAPS que integram e completam a proposta de acompanhamento a pacientes que se encontram praticamente impossibilitados de viver em harmonia com suas dificuldades pessoais e também com suas famílias e com a sociedade.

No Ateliê existe um procedimento em forma de técnica, porém a técnica é logo superada pela escuta compreensiva e o diálogo compartilhado entre mundos tão distintos e ao mesmo tempo semelhantes, comunidade de destino.

Temos o objetivo primeiro de compreender a realidade que cada um experimenta e acompanhar novas vivências. Essa ação de compreensão nos parece ser de suma importância para esses pacientes, que não raras vezes relatam uma falta de acolhimento importante por quem convive com eles. O trato é afetivo, mais que racional. Safra (2006, p.30) afirma que “a dimensão afetiva é uma forma de compreensão”. Nesse sentido, trabalhar nesta perspectiva é estar aberto ao outro, afetivamente, empaticamente e em devoção.

Ao optarmos pela noção de *Sobórnost*, não é tanto a técnica utilizada que nos interessa, mas o modo como se manejam situações difíceis que pacientes com sofrimentos extremos nos apresentam. Trabalhamos abrindo espaços para aceitar o mistério, o incompreensível, testemunhando o sem sentido e o ainda não vivido, a esperança dos pacientes, que a concepção de *Sobórnost* revela com clareza.

Em um tempo no qual a técnica é fruto da tecnologia, o tempo é vivido sempre como escasso para fazer tudo que se tem a fazer. A aceleração do tempo é um impedimento a deter-se com calma, tranqüilidade e serenidade no cotidiano, onde o espaço do ambiente de uma metrópole não harmoniza com as necessidades fundamentais de cada ser que exprime o espaço interior de si.

Observamos que o uso do desenho pode auxiliar ao facilitar a vivência de um tempo distinto ao cronológico, a um tempo que se ancora no vivido e que facilita um uso da linguagem distinta da cotidiana, acreditando que os pacientes podem estar inaugurando dentro de si experiências antes poucas vezes sentidas.

Se cada um dos pacientes puder utilizar as marcas deixadas por estas experiências, com este procedimento intermediário de acesso aos peculiares modos de ser, as experiências fixam-se como memória, como lembrança e eternidade.

Assim, ao trabalharmos no vértice de *Sobórnost* cada paciente e participante do grupo mostra que cada um é a singularização da vida de muitos, de seus familiares, das gerações anteriores e indicam pressentimentos daqueles que virão. Do ponto de vista transgeracional, os participantes põem-se em direção ao que ainda não é. Ao ouvirmos os participantes formularem as questões do seu destino, estamos ouvindo o sofrimento de um e de todos.

Esse diálogo entre gerações sobre as questões do destino humano é realizado por meio dos desenhos e da linguagem. Como expressa Safra (2004) a linguagem se apresenta como poesia e revela uma ação – como os desenhos! Os cuidados que os terapeutas oferecem também são uma moradia para o *ethos* humano.

Ao nos posicionarmos a partir do conceito de *Sobórnost* abordamos o evento como pré-subjetivo e pré-reflexivo. A esperança – sempre presente – reconhece que o soma do paciente pode vir a ser corpo e em que um si mesmo pode vir a ser subjetivo. Assim tentamos acessar o encontro humano para além da noção de indivíduo e enfocá-lo na experiência do conciliar. Os terapeutas em seu corpo estão sendo continuamente afetados pela forma de ser do Outro e têm a possibilidade de manejar as situações que se apresentam.

Como a música citada por Safra (2006), os desenhos também podem ser compreendidos como símbolos representativos e também favorecem uma experiência. Não representam apenas uma emoção ou determinado acontecimento idiográfico, mas revelam a essência do desenho e principalmente, do traço singular inserido em um todo.

## **Conclusão**

Observamos que o Ateliê é uma atividade que propõe uma criação compartilhada. O fato de estar em um ambiente que está disponível para acolher e compreender o que está sendo trazido, favorece o aparecimento de vivências que podem ser muito organizadoras. Partindo em um primeiro momento da imagem que é transformada em palavra e daí em associações, seguimos um caminho de descoberta conjunta do gesto humano.

Nesse sentido, no momento em que todos nós – pacientes e profissionais – estamos debruçados em uma tarefa comum que é proposta –

desenhar e conversar sobre o que foi feito – há espaço para o singular e para o que há de comum entre nossas existências.

Pode-se observar nessa forma de trabalho que o profissional não se coloca em uma postura em que ele sabe algo a mais do que o paciente ou mesmo que tem uma melhor compreensão sobre o sofrimento que é trazido. Estamos todos juntos procurando uma forma de ajudar aquele que sofre utilizando nosso conhecimento integrado naquilo que nos faz humanos.

Se os terapeutas têm esperanças o encontro gerará frutos. As sementes florescerão e nosso trabalho terá sua validade – observada na humanização do contato direto com aqueles que sofrem fechamentos de si, angústias de aniquilação e, principalmente: terror pelo que impossibilita o vir-a-ser.

### **Referências Bibliográficas**

SAFRA, G. Sobórnost: fundamentos do ethos. In: A po-ética na clínica contemporânea. São Paulo: Idéias e Letras, 2004. p. 39-52

SAFRA, G. Hermenêutica ns situação clínica. O desvelar da singularidade pelo idioma pessoal. São Paulo: Edições Sobornost, 2006.

SANTOANTONIO, J; ANTÚNEZ, A.E.A. Atelier de pintura de livre expressão em hospital-dia psiquiátrico, 2002. [http: www.ciec.org.br/publicacoes-revista1.asp](http://www.ciec.org.br/publicacoes-revista1.asp)

TERNOY, M. L'espace pictural de groupe. Rorschach et psychopathologie phénoméno-structurale. Expression et psychopathologie. In: Colloque Octobre, 1987. France: Recueil no. 3. p.12-20.

TERNOY, M. Rorschach, rêve éveillé et expression grapho-picturale dans l'étude phénoméno-structurale des hallucinations. Lille, 1997. Tese de doutorado. Université de Lille III, France.